Sofrimento ético durante a formação profissional: o que estagiários experimentam nas redações?¹

Leandra Cruber TEIXEIRA

(Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC)

Em 2009, a publicação do relatório com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo restaurou o estágio supervisionado. Conforme a Comissão de Especialistas em Ensino de Jornalismo nomeada pela Portaria MEC-SEU 203/2009, o estágio era uma reivindicação antiga dos estudantes, além de ser entendido como um instrumento legal para balizar o “atendimento a demandas específicas, no sentido de aperfeiçoar o ensino de jornalismo, valorizar a profissão e qualificar ainda mais os aspirantes ao seu exercício” (2009, p. 01). O texto foi publicado no Diário Oficial da União somente em setembro de 2013. A partir daí, os cursos de Jornalismo de universidades públicas e instituições privadas de ensino superior do Brasil passaram a se adaptar. De lá para cá, essa prática segue sendo discutida e tensionada entre o mercado, as instituições de ensino e, claro, o Estado (BERNARDO; LEÃO, 2017). Não porque a presença de jovens jornalistas em formação não seja bem quista nas redações, mas porque a precarização do trabalho jornalístico (NICOLETTI; MICK, 2018; LELO, 2019; FIGARO, 2013), neste contexto de acirramento de políticas neoliberais, passa a ser enfrentado desde a formação profissional. E, no seio dessas disputas, a Revista Brasileira de Ensino em Jornalismo (Rebej), periódico científico da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ) que discute métodos de ensino, relatos de experiências de atividades acadêmicas e pesquisas na área, incentiva o estudo sobre tal atividade institucionalizada no ensino em jornalismo. Nesse sentido, o presente estudo partiu da proposta da realização de uma revisão sistemática das publicações da Rebej relacionadas ao tema do estágio em jornalismo no Brasil. O objetivo é compreender como o retorno do estágio incidiu na formação profissional de novos jornalistas e, em sequência, na identidade da profissão. Para tanto, delimitou um recorte temporal de 15 anos, tendo em vista que, em 2009, com a publicação do relatório com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo, intensificaram-se as discussões

¹ Resumo expandido apresentado no GP Ensino de Ética e de Teorias do Jornalismo, no VII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejour Sul).

sobre os estágios. E aqui faz-se distinção entre os dois tipos: obrigatório e não-obrigatório. O estágio obrigatório é aquele previsto no currículo a partir do sexto semestre e que pode ser realizado em espaços laboratoriais da própria instituição ou em empresas públicas e privadas. De modo geral, o estagiário não é remunerado. Já o não-obrigatório se relaciona diretamente à sobrevivência financeira dos estudantes. Ou seja, o estagiário é remunerado. E não substitui o estágio obrigatório. Além disso, estudantes costumam realizar já no início da graduação. Assim, a partir da revisão sistemática de 15 de publicações da Rebej, foram coletadas 17 publicações entre 28 edições da revista. A partir daí, com suporte metodológico da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977), percebe-se, preliminarmente, duas categorias predominantes: formação profissional e práticas profissionais. Neste estudo, optou-se, em um primeiro momento, por aprofundar a discussão sobre as práticas profissionais que se relacionam diretamente com a identidade profissional (RUELLAN, 2017; KOVACK & ROSENSTIEL, 2004; FIDALGO, 2008; PEREIRA, 2004; FONSECA, 2008). Assim, neste eixo, percebe-se que os artigos têm como tema principal as dificuldades no cumprimento da atividade, definida como “efetivamente educativa, que aproxima a teoria construída na sala de aula com a prática profissional” (LOOSE; NEVES, 2017, p. 238). Conforme a bibliografia revisada, o estágio não-obrigatório é o principal ponto de tensão, já que, neste formato, observou-se menor rigidez no acompanhamento das instituições de ensino superior nas atividades desenvolvidas pelos acadêmicos. Soma-se a isso a discussão que, de acordo com a revisão de publicações, as funções ocupadas pelos estagiários, além de não especificadas, equivale a de profissionais já formados. Uma preocupação já demonstrada por entidades profissionais e sindicatos nos anos 90 e que, anos após a regulamentação do estágio, volta a ser debatida. Desta forma, o estágio, previsto nas Diretrizes como mais uma forma de qualificar estudantes em formação, acaba por gerar, antecipadamente, o chamado sofrimento ético (LELO, 2020). Conforme o pesquisador, o quadro de violação consciente dos preceitos morais do jornalismo gera o que ele chama de sofrimento ético dos jornalistas. Além disso, o termo também diz respeito à situação em que, quando por falta de recursos materiais e econômicos, o profissional e, neste caso, o estudante-estagiário, não consegue colocar em prática o tipo de jornalismo almejado - o tipo de jornalismo que estuda, que aprende

a fazer. Portanto, este cenário é enfatizado na presente pesquisa para evidenciar que, conforme a revisão, antes mesmo de se formarem, jornalistas enfrentam contradições éticas que, conforme Lelo (2020), se caracterizam como uma forma de sofrimento. Há um conflito entre os fundamentos éticos - não apenas da profissão, mas, também, pessoais - e as práticas organizacionais das empresas de mídia nas quais os estagiários estão inseridos - por obrigação e, também, por sobrevivência. Assim, propõe, finalmente, uma última reflexão para a análise, já que, conforme Pereira (2004) o jornalismo é uma profissão na qual predomina uma identidade passional onde, na história, jornadas extensas, assédios morais e métodos de trabalho questionáveis já foram naturalizados. Segundo Arendt (1999), comportamentos do tipo se relacionam com o que a filósofa chamou de banalidade do mal. Mais que isso, a discussão caminha no sentido de compreender os riscos da banalização do chamado sofrimento ético na identidade profissional e, principalmente, durante a formação de novos jornalistas, como uma forma de aprender.

REFERÊNCIAS

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BERNARDO, C. H. C.; LEÃO, I. B. **Estágio em jornalismo: uma relação marcada por conflitos entre os interesses do Estado, do mercado e da academia**. Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, v. 7, n. 21, 2017.

COMISSÃO DE ESPECIALISTAS. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Jornalismo**, MEC, 2009.

FIDALGO, J. Profissão, profissionalismo e profissionalização. In: **O Jornalista em Construção**. Porto: Porto Editora, 2008. p. 11-64.

FÍGARO, R. **Atividade de comunicação e trabalho dos jornalistas**. E-Compós, 2013, p. 1-20.

FONSECA, V. P. da S. **Questões sobre a identidade do jornalista contemporâneo**. Estudos em jornalismo e mídia, v. 5, n. 2, p. 129-140, 2008.

KOVACK, B; ROSENSTIEL, T. **O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LELO, T. V. **A precarização das condições de trabalho dos jornalistas de São Paulo segmentada por faixas etárias: Uma identidade profissional em risco?.** Tempo Social, v. 31, p. 243-261, 2019.

LELO, T. V. **O sofrimento ético no mundo do trabalho dos jornalistas.** In: E-Compós. 2020.

LOOSE, E. B.; NEVES, D. **O papel do estágio no ensino de Jornalismo e com a nova realidade do EaD.** Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, v. 7, n. 21, 2017.

NICOLETTI, J.; MICK, J. **Influências da precarização na qualidade jornalística: construção de uma matriz de indicadores.** Passagens: Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFC, Fortaleza (CE), v. 9, n. 1, p. 127-141, 2018

REIS, M. A.; FACCIN, M. J.; FERREIRA, S. V. **O estágio de jornalismo entre nós: reflexões sobre algumas propostas de implantação do estágio curricular nos cursos de Jornalismo.** Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo, v. 7, n. 21, 2017.

PEREIRA, F. H. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão.** Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004.

RUELLAN, D. **Um ser profissional, ou como percebê-lo.** Brazilian Journalism Research, v. 13, n. 1, jan-abr/2017, p 6- 19.